PRÁTICAS CORPORAIS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA EXPERIÊNCIA DE ARTICULAÇÃO ENTRE FORMAÇÃO INICIAL E FORMAÇÃO CONTINUADA.

Admir Soares de Almeida Júnior
Fundação Helena Antipoff (FHA) e Prefeitura de Belo Horizonte (PBH)
admir@uai.com.br

Anna Rachel Gontijo Mazoni
Fundação Helena Antipoff (FHA) e Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) rachel@actar.com.br

Introdução

Estudiosos e pesquisadores da formação de professores têm destacado a importância da experiência da docência nos processos formativos e a necessidade de que o conhecimento científico se articule às vivências do *chão da escola*, tanto na formação continuada quanto na inicial.

Caldeira (2001), ao comentar as políticas de formação continuada de professores, aponta que "muitas vezes, as propostas de formação são concretizadas por meio de cursos, conferências, seminários, reproduzindo a formação inicial anterior." Por outro lado, embora a docência nas escolas seja responsável por grande parte da formação do professorado, – continua a autora – "o que temos verificado em pesquisas sobre a prática docente é que os professores encontram dificuldades para refletir, com seus colegas, a prática escolar". (p.91)

Para Tardif (2000), o professor é um "sujeito que assume sua prática a partir dos significados que ele mesmo lhe dá, um sujeito que possui conhecimentos e um saber-fazer provenientes de sua própria atividade e a partir dos quais ele a estrutura e orienta". (p.115) Nessa perspectiva, o autor sugere o postulado de que os professores são "sujeitos do

conhecimento", competentes e ativos, isto é, que a prática profissional desses sujeitos não é apenas um espaço de aplicação de saberes provenientes da teoria, mas também um espaço de produção de saberes específicos advindos dessa prática.

É desejável, pois, que a formulação e implementação de propostas de formação continuada busquem aproximar, reconhecer, valorizar e incorporar os saberes docentes, sobretudo os saberes da experiência.

Da mesma forma, o processo de formação inicial nos cursos de licenciatura deve oferecer aos acadêmicos a oportunidade de imersão na realidade da escola, oferecendo oportunidade de exercer a prática pedagógica acompanhada de subsídios que os permitam uma leitura crítica e reflexiva das experiências vivenciadas. Como ressalta CALDEIRA (2001),

> "a separação entre teoria e prática está presente em grande parte das propostas de formação inicial e continuada de professores. Quando se trata de formação inicial, critica-se a desvinculação entre os conteúdos da formação e a prática profissional na escola. De modo geral, a academia privilegia a teoria (conhecimento científico) em detrimento da prática (saber da experiência). Os programas de formação inicial costumam estar separados dos problemas reais que o professor deve enfrentar em seu trabalho cotidiano.(...) Assim, um dos desafios da formação inicial é trazer, para reflexão nos cursos de licenciatura, a realidade escolar." (p.91)

Neste texto, relatamos uma experiência em que foi possível articular, no contexto da Educação de Jovens e adultos de uma escola pública (Rede Municipal de Belo Horizonte) numa escola pública duas vertentes do processo de formação de professores: a formação continuada no local de trabalho e a formação inicial, mais especificamente no estágio curricular supervisionado. Passamos, a seguir, para a contextualização do terreno da experiência em questão, explicitando, em linhas gerais, as propostas de formação das instituições envolvidas.

A proposta de formação continuada da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte

Na tentativa de construir uma relação mais dialógica com as escolas e os docentes, a Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte (SMED/BH) - por meio de sua Gerência de Coordenação da Política Pedagógica e de Formação (GCPF) – implementou, desde o ano de 2003, o processo de *acompanhamento sistemático às escolas.* O acompanhamento às escolas constitui a principal estratégia de formação continuada de professores e se caracteriza por ser um processo contínuo de interação, reflexão e ação coletiva *no* e *sobre* o cotidiano escolar e seus sujeitos, pretendendo:

- possibilitar o processo de formação continuada permeada pela reflexão, troca, estudos e avaliação do trabalho realizado, envolvendo a escola e diferentes instâncias da SMED;
- contribuir com a escola, sobretudo com os professores(as), na reflexão constante de suas práticas pedagógicas, visando à permanência do estudantes na escola, à melhoria da aprendizagem e à inclusão;
- a partir das demandas das escolas, construir situações e ambientes formativos que propiciem a afirmação de identidades – geracional, de gênero, cultural, étnico-racial, profissional, - dos sujeitos envolvidos no processo da educação escolar e que contribuam para a construção da autonomia da escola e de seus processos formativos;
- coletar e sistematizar dados que subsidiem a elaboração de políticas pedagógicas e de formação.

Com base nesses pressupostos, descrevemos a seguir a experiência de formação continuada de professores da escola Municipal Professor Hilton Rocha. Para tanto, iniciaremos com uma descrição e contextualização do

projeto político pedagógico da EJA (Educação de Jovens e Adultos) nessa escola.

Acompanhamento sistemático ao coletivo de professores da Escola Municipal Professor Hilton Rocha

A Escola Municipal Professor Hilton Rocha é fruto da mobilização e organização da comunidade do bairro Mangueiras, em Belo Horizonte, por atendimento escolar na região. No ano de 1991, lideranças e a comunidade se envolveram no Orçamento Participativo da Prefeitura Municipal, e conquistaram a construção do prédio da escola. As aulas no prédio atual se iniciaram em agosto de 2002.

A escola funciona em três turnos, atendendo a alunos do 1º ao 3º ciclo de idade de formação, bem como aos alunos/as da modalidade EJA. São 52 professores na escola, sendo 2 de Educação Física e 19 funcionários.

A inclusão do ensino da EJA na escola também pode ser entendida como uma conquista dos moradores do bairro. O trabalho acontece desde março de 2003. Os profissionais da escola se organizaram para atender este público tendo como princípios possibilitar que todos os momentos sejam formativos e contribuam para a construção de novos conhecimentos. Para que estes objetivos sejam alcançados a escola estabelece alguns eixos que norteiam todo o fazer pedagógico dos professores/as. São eles: Construção coletiva; Diversidade; Consciência Ecológica; Consciência dos Sentidos e Sistematização de Conhecimentos.

Quanto à estrutura curricular do trabalho desenvolvido com os alunos/as da EJA, percebe-se um processo que busca romper, ainda que parcialmente, com a lógica disciplinar de transmissão e construção de conhecimento. Assim, os alunos/as freqüentam aulas das disciplinas de Português, Matemática e Língua Estrangeira. Os demais conhecimentos são tratados e apresentados numa perspectiva de desenvolvimento de Projetos de Trabalho. Em 2006, os projetos desenvolvidos foram: Diversidade (étnico, racial, cultural, etc.) e Culturas Juvenis.

No tocante à organização dos alunos em turmas ou grupos de referência, a escola busca construir três níveis ou modelos de agrupamento:

Alfabetização; Intermediário e Certificação. Nas atividades desenvolvidas pelas disciplinas as turmas são constituídas tendo como referência os três agrupamentos. Para as demais atividades, outras formas de agrupamentos são construídas rompendo, dessa forma, com a rigidez das turmas.

O processo de formação continuada: estratégias e dinâmicas

"Qual o lugar da Educação Física e das práticas corporais na EJA?" Foi esta questão, proposta pelos profissionais da Escola Municipal Professor Hilton Rocha, que desencadeou o processo de formação continuada que envolveu estudos e discussões sobre o tema e motivou a inclusão das práticas corporais no currículo da EJA, por intermédio da parceria com o curso de Educação Física da Fundação Helena Antipoff.

Esse tema surge em função de um contexto mais amplo de discussão da presença da Educação Física no Ensino Noturno da RME/BH (Rede Municipal de Educação e Belo Horizonte)[1], bem como das orientações advindas do processo de Regulamentação da Educação de Jovens e Adultos pelo Conselho Municipal de Educação de Belo Horizonte (CME/BH) [2].

A partir de março de 2005, passaram a acontecer encontros quinzenais entre o professor-formador e o coletivo de professores da EJA, tendo como tema gerador das discussões e do processo formativo a questão das práticas corporais nessa modalidade de ensino.

Nos primeiros encontros realizados com o grupo de professores, buscou-se levantar as representações acerca do ensino e da presença da Educação Física na escola. De um modo geral, os professores conseguiam explicitar um reconhecimento da importância da presença da Educação Física na escola, entretanto, demonstravam dificuldade em identificar seu objeto de estudo e o que confere identidade e legitimidade a essa disciplina.

Nessa perspectiva, inicialmente buscamos construir entre os docentes um entendimento da Educação Física como área do conhecimento, bem

[1] Uma contextualização desse processo pode ser obtida em : ALMEIDA JÚNIOR, Admir Soares de. *Educação Física e Ensino Noturno na Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte.* I Encontro Nacional de Ensino de Artes e Educação Física. Natal/RN 10 a 12 de dezembro de 2004. CD-Rom.

[2] No parecer emitido pelo CME/BH para as escolas existe uma indicação de que as mesmas aprofundem estudos sobre os temas: Juventude e Educação Física.

como apresentarmos e discutirmos seu objeto de estudo – a cultura corporal de movimento – e seus respectivos conteúdos de ensino. Num segundo momento, o grupo procurou aprofundar as reflexões sobre a especificidade da vivência de práticas corporais em um projeto de formação de jovens e adultos.

Ao final do primeiro semestre de 2005, os professores apontaram para a possibilidade da construção de uma ação com os estudantes da EJA. Os professores prepararam um pequeno formulário que buscava levantar informações sobre a utilização do tempo de lazer dos estudantes, bem como as expectativas de realização de práticas corporais na escola.

A análise dos questionários, vinculada à conversa informal com os estudantes, demonstrou uma demanda por diferentes conteúdos de ensino da Educação Física. Nesse momento, os professores avaliaram que seria interessante oferecer todos os conteúdos demandados pelos alunos, entretanto, não sentiam segurança para assumirem o processo de ensino dessas práticas.

Foi possível, dessa forma, construir uma parceria com o curso de licenciatura em Educação Física da Fundação Helena Antipoff, envolvendo os acadêmicos desse curso que participam da disciplina Estágio Supervisionado. Passamos, a seguir, a caracterizar a proposta de estágio implementada nesta instituição.

Proposta e configuração do Estágio Supervisionado no curso de Educação Física da Fundação Helena Antipoff [3]

Um dos principais objetivos do Estágio Supervisionado nesta instituição, como está explicitado em sua proposta (Silva, 2004:3), é

> "possibilitar aos alunos alternativas que consolidem esse tempo/espaço no processo de formação inicial dos professores através do oferecimento de experiências no trato pedagógico dos

[3] A Fundação Helena Antipoff está situada no município de Ibirité-MG (região metropolitana de Belo Horizonte). O curso de Licenciatura em Educação Física iniciou suas atividades em 2003.

temas da cultura corporal de movimento que potencializem o desenvolvimento das competências reconhecidas pelo Conselho Nacional de Educação (9/2001) como fundamentais para o exercício do professor na escola básica."

Nesse intuito, o estágio realizado no 5º e 6º períodos tem o caráter de *estágio de docência* e procura oferecer experiências que possibilitem aos alunos mobilizarem seus conhecimentos e comportamentos construídos nas suas trajetórias de formação, empreendidos em ações de regência de turmas do Ensino Fundamental e Médio. (Silva, 2004:5).

A dinâmica do estágio obedece à seguinte configuração: as turmas são divididas em quatro grupos, cada um deles sob a orientação de um professor da instituição. Os grupos desenvolvem as atividades do estágio em diferentes escolas públicas conveniadas, sendo acompanhados *in loco* pelos professores-orientadores nos momentos de planejamento, execução e avaliação das aulas. As atividades acontecem semanalmente, dentro do horário de aulas do turno, com carga horária de 5 horas/aula por encontro.

A presença do professor-orientador nas escolas constitui-se em um dos principais diferenciais desta proposta de estágio, pois ele exerce a função de mediador didático fazendo intervenções no processo, propondo questionamentos e reflexões, organizando a troca de experiências e opiniões entre os agrupamentos de estagiários e estabelecendo pontes com o conhecimento científico, sempre partindo de questões emersas da prática.

Os estagiários organizam-se normalmente em trios, revezando-se nas funções de *regência*, *apoio à regência* e *registro.* O dia-a-dia das aulas do estágio é registrado no *Caderno de Docência* do trio, documento que se assemelha a um diário de campo, onde o registro dos acontecimentos é acompanhado de reflexões e análises.

A articulação entre duas instâncias do processo formativo

A parceria entre a Fundação Helena Antipoff e a Escola Municipal Hilton Rocha foi sugerida pelo professor responsável pela condução do processo de formação continuada na escola (um dos autores desse relato) e

facilitada devido à sua atuação como professor do Estágio Supervisionado no curso de Educação Física daquela instituição.

Um dos encontros de formação foi dedicado à construção do esboço do processo de intervenção pedagógica junto aos estudantes da EJA. Um princípio que procuramos garantir junto ao corpo docente da escola foi o da docência compartilhada. Dessa forma, os acadêmicos assumiram a regência juntamente com o acompanhamento dos professores.

Para que todos os conteúdos/temas pudessem ser atendidos, a estratégia construída pelos professores junto com os acadêmicos foi a oferta de oficinas temáticas, que receberam a denominação de "Oficinas Corpo e Movimento". Os temas das oficinas relacionam-se aos conteúdos de ensino da Educação Física. Houve a oferta de uma oficina para cada um dos conteúdos eleitos pelos alunos: esporte, dança, luta, ginástica e jogos e brincadeiras. Os estudantes da EJA puderam se inscrever em uma das oficinas e freqüentá-las em regime semestral (em sintonia com a organização do Estágio Supervisionado).

Dessa forma, desde o segundo semestre de 2005 até o momento, o coletivo de professores reconfigurou a rotina de trabalho das segundas-feiras, abrindo o currículo da escola à vivência das práticas corporais.

No tocante à organização dos estagiários, cada trio (em alguns casos, quarteto) fica responsável por uma das oficinas temáticas. No horário das oficinas, todas as turmas da escola se envolvem nas atividades, que acontecem simultaneamente em diferentes espaços da escola (sala multiuso, pátios, quadra, sala de vídeo etc.). Como já foi dito, a enturmação nas oficinas é efetivada pelo critério de interesse, pois cada estudante pode optar pelo tema de sua preferência.

No quadro abaixo, é possível visualizar a configuração temporal básica do estágio, tendo como exemplo a organização do primeiro semestre de 2006.

Horário	Ação	Organização / Estratégia

Horário	Ação	Organização / Estratégia
18:00 - 20:00	Planejamento coletivo das oficinas	Reunião dos acadêmicos com os orientadores do estágio (grupos de referência por oficina ou discussões coletivas) Quinzenalmente, os professores da escola participam desse momento no período de 18:00 às 19:00.
20:00 - 21:00	Oficinas temáticas *Corpo e Movimento*	Os acadêmicos/estagiários ministram aulas aos estudantes da EJA (agrupamentos flexíveis a partir da inscrição prévia e do interesse dos estudantes), tendo o acompanhamento dos professores da escola e dos orientadores do estágio.
21:00 – 22:30	Momento de avaliação/reflexão sobre a prática pedagógica	Reunião dos estagiários com os orientadores do estágio para avaliação das aulas ministradas e estudo de temas pertinentes ao processo.

Reflexões sobre o processo: formação em via de mão dupla

A partir da experiência relatada, gostaríamos de apresentar um conjunto de reflexões acerca do processo de formação continuada dos professores de EJA e de formação inicial dos acadêmicos de Educação Física que vem sendo construído na E.M. Professor Hilton Rocha, ressaltando o caráter de *mão dupla* da experiência, ou seja, as aprendizagens mútuas possibilitadas pela interação entre professores e estagiários.

Contribuições para a formação inicial

Os relatos feitos pelos estagiários sobre o significado do estágio supervisionado para o seu processo de formação tem nos levado a crer que

estamos avançando na ruptura da dicotomia teoria-prática em nosso curso de licenciatura. A experiência da docência e a oportunidade de participar do cotidiano de uma escola em sua riqueza e intensidade de vivências, aliados às possibilidades de interlocução sobre as mesmas, têm levado os acadêmicos da Fundação a avaliarem positivamente sua passagem pelo estágio.

No caso específico da experiência do estágio com a EJA na Escola Municipal Hilton Rocha em 2006, surgiram algumas dificuldades iniciais decorrentes, em grande medida, da necessidade de uma maior compreensão sobre quem são os sujeitos da EJA, suas características e suas demandas. Isso foi possível de ser percebido tanto pelo acompanhamento do desenvolvimento das aulas quanto pela leitura dos Cadernos de Docência.

A Educação de Jovens e Adultos apresenta uma série de especificidades e a prática pedagógica junto a estes sujeitos não deve levar em conta, como alerta Arroyo (2005:21), apenas sua inserção "escolar". Segundo o autor,

> "o ponto de partida deverá ser perguntar-nos quem são esses jovens e adultos. (...) Quanto mais se avançar na configuração da juventude e da vida adulta teremos mais elementos para configurar a especificidade da EJA. A começar por superar visões restritivas que tão negativamente a marcaram."

Com efeito, a EJA è uma modalidade de ensino que, em sua gênese, considera os estudantes como sujeitos socioculturais que trazem consigo uma significativa bagagem de vivências e saberes que esta bagagem deve nortear as propostas e intervenções didático-pedagógicas.

Compreender essa especificidade e transpor esse entendimento para as propostas de aula ministradas aos estudantes da EJA foi um processo que se desenrolou, muitas vezes, em face de angústias, tensões e conflitos – estes motivados pelas divergências entre as expectativas de estudantes e estagiários em relação ao desenvolvimento das oficinas. Os processos de negociação que se seguiam aos momentos de conflito envolviam escuta,

argumentação, concessões e renúncias de ambas as partes, contando inclusive com a mediação dos professores da escola. Discussões sobre o assunto e leitura de textos a respeito dessa modalidade de ensino foram outras estratégias desenvolvidas em conjunto com os professores-orientadores do estágio. Experimentamos momentos extremamente formativos e que representaram crescimento para todos os envolvidos.

Durante todo o processo, a inserção dos professores da instituição na dinâmica do estágio foi de significativa relevância, pois estes atuaram como mediadores entre os estagiários e os alunos sempre que isto se fez necessário. Da mesma forma, estes professores relataram que a observação da atuação dos estagiários constituiu-se em fator de aprendizagem para eles, especialmente em relação aos saberes que envolvem as práticas corporais.

Outro fato a ser destacado foi que o coletivo de profissionais da escola (professores, coordenadores, diretora e vice) desenvolveu uma pesquisa interna no intuito de delinear o(s) perfil(is) dos alunos da EJA sob diversos aspectos: faixa etária, ocupação, configuração familiar, interesses, expectativas etc. Os resultados da investigação foram apresentados aos estagiários e discutidos conjuntamente com estes, sendo que essa ação também contribuiu para consolidar a relação dos estagiários com os estudantes da EJA e com o próprio processo de construção de conhecimento nessa modalidade de ensino.

Contribuições para a formação continuada

Para Caldeira, (2001:99),

> "O trabalho docente não se desenvolve de forma isolada no interior das escolas, mas resulta da interação com outros docentes, especialistas, estudantes e suas famílias. (...) É através desse processo de reflexão coletiva que os docentes desenvolvem a consciência crítica de sua prática cotidiana."

O envolvimento no processo de formação continuada descrito neste texto tem possibilitado aos docentes da Escola Municipal Professor Hilton Rocha, por meio do intercâmbio de idéias e experiências, a construção de novos entendimentos e saberes em relação à compreensão do lugar das práticas corporais na escola. Como estratégia de reflexão e diálogo, procuramos incluir extratos de entrevistas realizadas com um dos professores e a coordenadora pedagógica da EJA, no intuito de ilustrar o significado do processo para esses sujeitos.

Inicialmente, vale destacar a relevância do processo de acompanhamento sistemático ao coletivo de professores. Isto fica explicitado no relato do professor Geraldo:

> *"O que mais me chama a atenção é a academia (Curso de Ed. Física) e a SMED terem mudado de "mala e cuia" para dentro da escola, participando do nosso dia-a-dia, dialogando conosco, propondo, avaliando (...)" (Geraldo)*

Em relação às atividades das oficinas, o envolvimento dos professores com o processo se manifesta de formas diversas. Observação das atividades realizadas, comentários/intervenções, apoio à docência dos estagiários e participação nas vivências corporais são algumas delas. De um modo geral, os professores da escola têm percebido que a estratégia do acompanhamento, vinculado à proposta de realização das oficinas, vem-se configurando como espaço privilegiado de formação. Tanto as reuniões coletivas quanto os momentos de planejamento e realização das oficinas têm se constituído em espaço e tempo privilegiado de explicitação e circulação de diversos entendimentos e representações acerca do que é Educação Física e quais as implicações das práticas corporais na formação dos educandos da EJA.

Nos relatos do professor Geraldo e da coordenadora pedagógica Viviane é possível constatar um movimento que aponta para uma ampliação do entendimento e concepção de Educação Física:

"Em minha experiência como aluno e professor na maioria das vezes vivenciei a Educação Física apenas como uma bola rolando na quadra. Conheço poucos professores que discutem outra prática com os alunos e as oficinas vêm mostrar que outra prática é possível, que um trabalho sério e comprometido pode ser realizado(...)" (Geraldo)

"As oficinas que acontecem na EJA quebram o estereótipo da Educação Física enquanto disciplina isolada, voltada para aqueles (alunos) *que demonstram grande aptidão física ou esportiva (...)." (Viviane)*

No tocante ao tempo/espaço específico de realização das oficinas, é possível apreender que estes têm se constituído em momentos de sistematização, produção e re-significação de conhecimentos vinculados à cultura corporal de movimento, tanto por parte dos professores como dos estudantes.

"O trabalho que vem sendo realizado em muito contribui para a discussão das práticas corporais na EJA. A troca entre professores e estagiários torna o processo rico em aprendizado ao possibilitar a reflexão e o repensar das atividades realizadas junto aos estudantes desta escola." (Viviane)

O processo de docência compartilhada posiciona os docentes da escola como co-responsáveis pela formação inicial dos acadêmicos, agregando mais um componente ao processo de formação continuada. Em diversos momentos das aulas, os saberes docentes advindos da experiência desses sujeitos são mobilizados no sentido de enriquecer e dar suporte à atuação dos estagiários.

Em suma, o processo de acompanhamento sistemático ao coletivo de professores, sobretudo a realização das oficinas, vem se constituindo como uma estratégia significativa de formação continuada dos docentes e possibilitando a ampliação da s concepções sobre a Educação Física bem como do processo de construção de conhecimento no espaço escolar.

Além disso, o processo coletivo de planejamento e efetivação das oficinas tem possibilitado aos professores se reconhecerem como sujeitos portadores e produtores de saberes acerca das práticas corporais. A coordenadora pedagógica Viviane e o professor Geraldo destacam essa dimensão no relato abaixo:

> *"(...) as oficinas têm contribuído para que os estudantes e professores conheçam, vivenciem, escolham, julguem e transformem os valores associados à prática da atividade física (...)" (Viviane)*

> *"Desde o início de minha carreira penso que é importante este diálogo entre escola, academia e secretaria (...) É nessa troca de experiência que vou olhando para minha prática e o meu entorno. Acompanhar as oficinas é estar ocupando outros lugares na escola e aumentando minha visão da escola e de suas práticas (...)" (Geraldo)*

O processo de formação continuada que vem sendo desenvolvido junto aos docentes de EJA aponta elementos significativos para que possamos refletir sobre as possibilidades de construção de novas configurações para a presença da Educação Física e das práticas corporais na EJA. Ao mesmo tempo existe a necessidade de se analisar com mais detalhes os saberes que esses professores vêm reconstruindo, no contexto de suas práticas, acerca da Educação Física como área do conhecimento escolar.

O último destaque fica para o movimento de consolidação das práticas corporais e da Educação Física como parte constitutiva da organização curricular da EJA dessa escola. Esse movimento vem apontando para a possibilidade da superação ou rompimento com uma concepção de trabalho isolado, e ao mesmo tempo a consolidação da presença do ensino das práticas corporais e da Educação Física na EJA de forma articulada com os eixos e princípios do projeto político-pedagógico da escola.

Referências

ALMEIDA JÚNIOR, Admir Soares de e DOS ANJOS, Cláudia Regina. Práticas Corporais e Formação de Professores: relato de uma experiência na Educação de Jovens e adultos. *Anais do III Encontro Nacional de Ensino de Arte e Educação Física*. Natal/RN, 29 de novembro a 01 de dezembro de 2006.

ARROYO, Miguel. *Diálogos na Educação de Jovens e Adultos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

CALDEIRA, Anna Maria Salgueiro. A formação de professores de educação Física: quais saberes e quais habilidades? *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v.22, n. 3, p.87-103, maio 2001.

SILVA, Fabrine Leonard. *Proposta de Estágio para o Curso de Licenciatura em Educação Física do Instituto Superior de Educação Anísio Teixeira*. Ibirité: Fundação Helena Antipoff, 2004.

TARDIF, Maurice. Os professores enquanto sujeitos do conhecimento: subjetividade, prática e saberes no magistério. In: CANDAU, Vera Maria. (org). *Didática, currículo e saberes escolares.* Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 112- 128.

Admir Soares de Almeida Júnior
Rua Manoel Miranda,282/201 União
Belo Horizonte - MG
Cep. 31117-440
e-mail: admir@uai.com.br

Anna Rachel Gontijo Mazoni
Rua Conselheiro Lafaiete, 1925/1002 Sagrada Família
Belo Horizonte - MG
Cep. 31035-560
e-mail: rachel@actar.com.br